

Tabla

GHASSAN

KANAFANI

RETORNO

A HAIFA

TRADUÇÃO · AHMED ZOGHBI

1

Quando Said S. chegou à entrada da cidade, vindo de carro pelo caminho de Jerusalém, sentiu algo que lhe travou a língua, induzindo-o ao silêncio, e dissolveu-se numa tristeza que tomou seu corpo. Por um instante, pensou em voltar. Sem olhar para ela, sabia que chorava em silêncio, enquanto ouvia o som do mar exatamente como no passado. Não, a memória não lhe veio aos poucos, despençou como uma avalanche na sua cabeça... um mundo de pedras que ruía e o soterrava. Os incidentes e acontecimentos surgiram de repente e desabaram sobre ele, oprimindo todo o seu corpo. Pensou consigo mesmo que Safiya, sua esposa, sentia exatamente a mesma coisa e por isso chorava.

Desde que partira de Ramallah naquela manhã não tinha parado de falar — tampouco ela. Os campos atravessavam o para-brisa e aquele calor insuportável queimava sua testa, como o asfalto que fervia sob os pneus do carro. Acima dele, o sol escaldante de junho espalhava sua fúria.

Durante o longo percurso, ele falava e falava. Falava com sua esposa sobre tudo: a guerra e a derrota; o Portão de Mandelbaum, que os tanques derrubaram; o inimigo que chegou até a margem do rio e o Canal de Suez e a entrada de Damasco; o cessar-fogo; o rádio e o saque de coisas e objetos pelo exército; e o toque de recolher;

e o primo que está no Kuwait com suas preocupações; e o vizinho que recolheu suas coisas e fugiu; e os três soldados árabes que lutaram durante dois dias sozinhos no morro próximo ao Hospital Augusta Victoria; e os homens que tiraram seus uniformes e combateram nas ruas de Jerusalém; e o camponês que foi morto quando o viram próximo a um dos maiores hotéis de Ramallah. Sua esposa ainda falou sem parar sobre muitas outras coisas durante o trajeto. E agora, quando chegaram à entrada de Haifa, calaram-se ao mesmo tempo e perceberam, naquele momento, que não haviam dito uma palavra sequer sobre o assunto que os trouxera ali.

Aí estava Haifa, vinte anos depois.

Na tarde de 30 de junho de 1967, o carro, um Fiat cinza com placa branca da Jordânia, viajava para o norte, cruzando a planície cujo nome, havia vinte anos, era Marj Bin Amer. Ele percorria a região costeira, em direção à entrada sul de Haifa; então atravessou a pista e pegou a via principal. Sentiu que todas as paredes vieram abaixo e a rua se dissolveu numa enxurrada de lágrimas.

— Esta é Haifa, Safiya! — ele se ouviu dizer à esposa.

Sentiu o volante pesado entre as mãos, suas das como nunca.

“É Haifa, eu a conheço, mas ela me ignora”, ocorreu-lhe dizer, porém mudou de ideia.

Depois de um instante, atingido por um pensamento, disse:

— Sabe, por vinte longos anos, sempre achei que o Portão de Mandelbaum seria aberto algum dia... Mas nunca imaginei que o seria pelo outro lado. Não passava pela minha cabeça; por isso, quando o abriram, a situação pareceu assustadora, estúpida e, de certa forma, humilhante... Posso parecer louco por dizer que todas as portas devem se abrir de um único lado e que se forem abertas pelo outro lado, temos que considerá-las como se estivessem fechadas... mas essa é a verdade.

Voltou-se para Safiya, que permanecia alheia, com o olhar fixo na estrada: ora à direita, onde as terras cultivadas se estendiam tão longe quanto se podia ver, ora à esquerda, onde o mar, distante por mais de vinte anos, soava perto.

— Nunca imaginei que fosse vê-la de novo — ela disse subitamente.

— Você não a vê, eles a mostram para você — Said retrucou.

Nesse momento, pela primeira vez, ela perdeu o controle e gritou:

— Que divagações são essas que você preferiu o dia todo?! Os portões, as visões e tudo o mais. O que aconteceu com você?

“O que aconteceu comigo?”, disse a si mesmo, tremendo, mas controlou os nervos e voltou a dizer, calmamente:

— Eles abriram as fronteiras de repente, logo que concluíram a ocupação, e isso não ocorreu em

qualquer outra guerra na história; você sabe das coisas assustadoras que aconteceram em abril de 1948. Por que isso agora? Por causa dos meus belos olhos ou dos seus? Não. É parte da guerra. Eles nos dizem: “Entrem e vejam como somos melhores e mais evoluídos. Vocês têm que aceitar nos servir e nos admirar...”. Mas você pode ver por si mesma: nada mudou... Nós poderíamos ter feito por ela algo muito melhor...

— Então por que você veio?

Lançou-lhe um olhar severo, e ela se calou.

Se sabia, por que perguntava? E foi ela que insistiu para que viessem. Por vinte longos anos, ela evitou falar do assunto. Vinte anos. Então o passado eclodiu como um vulcão em erupção...

Enquanto dirigia pelas ruas de Haifa, o cheiro da guerra ainda era forte o suficiente para fazer com que a cidade lhe parecesse obscura, excitante e provocadora, com seus rostos duros e selvagens. Depois de um tempo, percebeu que dirigia pelas ruas de Haifa com a sensação de que nada havia mudado. Ele a conhecia, pedra por pedra, cruzamento por cruzamento, pois havia percorrido suas vias com o Ford verde 1946 inúmeras vezes.

Ele a conhecia muito bem... dirigindo agora, depois de vinte anos, como costumava fazer, sentia como se não tivesse ficado ausente por todos aqueles amargos anos.

E os nomes livravam-se da poeira e ressurgiam para ele: Wadi Annisnas, rua Malik Faisal,

praça Hanatir, Halisa, Hadar. Os nomes se misturavam em sua mente, mas ele se manteve sóbrio e perguntou à esposa em voz baixa:

— Por onde começaremos?

Safiya permaneceu calada. Ele a ouviu chorar quase em silêncio, e compartilhou daquele sentimento, mesmo sem conseguir avaliar o tamanho do sofrimento dela, que perdurou por vinte anos e que agora se erguia como um gigante em suas entranhas, em sua cabeça, em seu coração, em suas lembranças e imaginação, e controlava todo seu futuro.

Espantou-se com o fato de nunca ter pensado sobre o que esse sofrimento poderia significar para ela e como penetrou em suas rugas, em seus olhos e em sua mente. Estava com ela em cada porção do que comia, em cada tenda em que viveu, em cada olhar que dirigiu aos filhos, a ele e a si mesma.

Agora, tudo brotava dos destroços do esquecimento e da dor, trazendo o peso da derrota amarga que ele havia provado pelo menos duas vezes na vida.

Subitamente, o passado desabou sobre ele, afiado como uma faca. Virava o carro no final da rua Malik Faisal (as ruas para ele não tinham mudado de nome), em direção ao cruzamento que desce para o porto, direto para a estrada que leva a Wadi Annisnas, quando viu um grupo de soldados armados, parados no cruzamento, diante de um bloqueio blindado.

Enquanto os observava com o canto do olho, escutou um barulho parecido com uma explosão

à distância. E ouviu uma rajada de tiros que fez o volante tremer entre suas mãos. Quase bateu na calçada, mas no último instante recuperou-se. Viu um menino correndo pela rua. Aquela cena o transportou ao terrível e tumultuado passado. Pela primeira vez, em vinte anos, lembrou-se do que acontecera, com riqueza de detalhes, como se estivesse revivendo tudo.

Manhã, quarta-feira, 21 de abril de 1948.

Haifa não esperava os acontecimentos, apesar de estar coberta de tensão e fúria.

O bombardeio veio abruptamente do leste, do alto do Monte Carmelo. As luzes dos morteiros atravessaram o centro da cidade na direção dos bairros árabes.

As ruas de Haifa transformaram-se num caos, onde reinou o medo que impôs a toda a região o fechamento das lojas e oficinas, e das janelas das casas.

Said S. estava no coração da cidade quando o som de tiros e explosões encheu o céu de Haifa até o início da tarde. Ele não imaginou que aquele ataque seria tão abrangente e tentou, assustado, pela primeira vez, voltar para casa, quando descobriu que seria impossível. Percorreu as ruas secundárias com a intenção de chegar a Halisa, onde morava, mas a confusão se espalhou. Ele viu homens armados correndo da rua adjacente para a principal e vice-versa. Moviam-se orientados por instruções que vinham de alto-falantes dispostos em lugares estratégicos. Depois de um

tempo, Said ficou ainda mais confuso. Os becos, fechados por armas ou pelos próprios soldados, pareciam conduzi-lo para uma única direção. Mais de uma vez, enquanto tentava retornar ao caminho principal escolhendo um beco em particular, foi empurrado por uma força invisível rumo a um só destino: o caminho do litoral.

Ele estava casado com Safiya havia um ano e quatro meses e alugara uma pequena casa naquela região, pois achava que seria mais seguro. Agora, subitamente sentiu que não chegaria a ela... e sabia que sua esposa não conseguiria cuidar de si mesma. Desde que a trouxera da aldeia, ela não tinha se acostumado à vida na cidade nem à complexidade das circunstâncias sem solução, o que lhe causava terror. O que aconteceria a ela?

Estava mais ou menos perdido e não tinha a menor ideia de onde se dava o combate nem de que jeito. Pelo que sabia, ou até onde podia saber, os ingleses ainda controlavam a cidade, e o desfecho dos acontecimentos, estava previsto para ocorrer após três semanas, quando os britânicos começariam a se retirar segundo a data marcada.

Acelerou o passo, ciente de que devia evitar os lugares altos ligados pela rua Herltz, onde os judeus se estabeleceram desde o começo; por outro lado, devia distanciar-se do Centro Comercial que ficava entre o bairro Halisa e a rua Allenby, porque ali era o lugar em que se concentrava em peso o armamento deles.

Então, circundou o Centro Comercial para chegar até Halisa. Estava diante da rua que terminava em Wadi Annisnas e que passava pela Cidade Velha.

De repente, as coisas se misturaram e os nomes se cruzaram: Halisa, Wadi Ruchmaya, Alburj, a Cidade Velha, Wadi Annisnas; sentiu-se completamente desorientado e perdeu o rumo. O bombardeio aumentou. Mesmo estando distante do local do tiroteio, conseguiu distinguir os soldados ingleses fechando algumas passagens e abrindo outras.

Então, percebeu que estava na Cidade Velha e correu, com uma vitalidade que não imaginava ter, na direção sul da rua Stanton, pois sabia que ficava a menos de duzentos metros da rua Halul. Sentiu o cheiro do mar.

Imediatamente, lembrou-se do pequeno Khaldun, seu filho, que completava cinco meses naquele mesmo dia, e uma escuridão se apossou dele. Sentiu um gosto na língua que nunca deixou de sentir e que sente até hoje, vinte anos depois.

Ele podia esperar por esse desastre? Os eventos se misturaram, passado e presente juntos, e se confundiram com os pensamentos, as ilusões, as imaginações e os sentimentos dos próximos vinte anos. Ele sabia? Sentiu a fatalidade antes que ela ocorresse? Às vezes, dizia a si mesmo: “Sim, eu sabia antes mesmo de acontecer”. Outras vezes, pensava: “Não, só me dei conta depois. Não poderia esperar nada tão horrível quanto aquilo”.

A noite se instalou sobre a cidade. Ele não fazia ideia de quantas horas haviam se passado desde que começou a correr pelas ruas, uma por uma. Ficou evidente que era empurrado em direção ao porto, já que todas as ruas adjacentes que levavam à via principal foram fechadas. Continuou mergulhando nessas ruas, tentando chegar em casa, mas sempre era levado de volta, às vezes por canos de fuzis, às vezes por baionetas.

O céu estava em chamas, estalando com tiros, bombas e explosões, próximos e distantes. Era como se os mesmos sons empurrassem todos em direção ao porto. Mesmo que não conseguisse se concentrar em nada específico, não podia deixar de ver como a multidão crescia a cada passo. As pessoas saíam dos becos para a rua principal, desembocando no porto; homens, mulheres e crianças, de mãos vazias ou carregando algumas pequenas posses, choravam ou nadavam naquele espanto num silêncio mortal. Ele mergulhou nas ondas da multidão e perdeu o controle de seus passos. Ainda se lembrava de que ia na direção do mar, conduzido pela multidão que chorava espantada, sem conseguir pensar em nada. Em sua mente havia uma única imagem, como uma foto pendurada na parede: sua esposa Safiya e seu filho Khaldun.

Os momentos duros passavam lentamente e pareciam um pesadelo terrível e inacreditável. Atravessou o portão de ferro do porto, onde os soldados britânicos encurralavam a multidão, e de

lá pôde ver as pessoas caindo sobre os pequenos barcos ancorados no cais. Sem saber ao certo o que devia fazer, decidiu não avançar até os barcos. E como alguém que repentinamente enlouquece, ou alguém cujos sentidos retornam de uma só vez depois de um longo período de insanidade, virou-se e empurrou as pessoas com cada grama de força que conseguiu reunir, forjando um caminho pelo meio da horda, na direção oposta, de volta ao portão de ferro.

Como se atravessasse uma cachoeira que vinha de uma montanha muito alta, Said abria caminho com seus ombros, braços, pernas e cabeça. A correnteza o arrastava para trás e ele voltava a avançar ferozmente, parecendo um animal caçado que abre um caminho impossível numa mata virgem emaranhada. Sobre sua cabeça, havia fumaça, estrondo de bombas e rajadas de tiros, que se misturavam com os gritos, o som do mar, os passos perdidos da multidão e o barulho dos remos batendo na superfície da água...

Será que realmente se passaram vinte anos?

O suor frio escorria pela testa.

Conduzia o carro pela encosta. Não contava com o retorno das lembranças, cheias da mesma turbulência insana que legitimamente pertencia aos momentos reais da sua própria experiência. Mirou sua esposa com o canto do olho; seu rosto estava rígido, pálido, e os olhos cheios de lágrimas. Certamente devia estar voltando em seus próprios passos àquele mesmo

dia em que ele estava próximo do mar e ela tão perto quanto possível da montanha, enquanto entre os dois se estendiam os fios invisíveis do medo e da confusão, sobre um pântano temível e desconhecido.

Estava, como ela havia lhe dito mais de uma vez nos anos anteriores, pensando nele.

Quando teve início o tiroteio, e as pessoas vinham com notícias de que os ingleses e os judeus começaram a tomar Haifa, Safiya sentiu um medo terrível.

Pensava nele quando ouviu o som da batalha vindo do centro da cidade... sabia que vinha de lá. Sentiu-se mais segura. Permaneceu em casa por um tempo, mas quando percebeu que ele demorava, correu para a rua, sem saber ao certo o que buscava. Antes, olhava através da janela e pela varanda. Sentiu que as coisas mudaram completamente quando o fogo desabou com intensidade, no começo da tarde, vindo das colinas situadas acima de Halisa. Sentiu-se sitiada e só então desceu os degraus. Ao longo do caminho, em direção à rua principal, a urgência e o desejo de vê-lo davam a medida do quanto temia por ele. Sua preocupação com o destino incerto a conduzia para mil possibilidades a cada tiro disparado. Quando chegou ao começo da rua, passou entre os veículos apressados, e seus passos a levaram por entre carros e pessoas; indagava sem obter respostas. De repente, viu-se no meio da multidão, sendo empurrada para todos os cantos da

cidade pela correnteza incontrolável, como um galho levado por um rio violento.

Quanto tempo se passou até que ela se lembrasse de que o bebê, Khaldun, ainda estava em seu berço em Halisa?

Não sabia ao certo, mas percebeu que uma força imperiosa a fixava no chão, por onde a multidão interminável de pessoas passava e tocava seus ombros, feito uma árvore bem enraizada numa forte enxurrada. Então, tentou resistir àquela correnteza com toda a sua força e, diante da debilidade e do cansaço, gritou com toda a potência que sua garganta possuía. Suas palavras viajavam por sobre a multidão, mas não chegavam ao ouvido de ninguém. Ela repetiu “Khaldun” mil... um milhão de vezes. Meses depois, ainda carregava em sua boca uma voz rouca, maltratada e inaudível, e a palavra “Khaldun” permaneceu como um ponto flutuando no nada, perdido no meio de uma avalanche sem fim de vozes e nomes.

Estava quase caindo sob os pés das pessoas quando ouviu uma voz, que a arrancou da terra, chamar seu nome. Ao ver o rosto coberto de suor, raiva e cansaço, sentiu o tamanho da desgraça. A tristeza lhe atingiu o peito como uma facada forte e interminável; decidiu voltar a qualquer preço. Pensou que talvez nunca mais conseguisse olhar nos olhos de Said nem nunca mais o deixasse tocá-la. Intimamente, se deu conta de que perdia os dois ao mesmo tempo: Said e Khaldun...

Seguiu abrindo caminho com a força que tinha nos braços, no meio de uma floresta que fechava o espaço a seu redor. Ao mesmo tempo, tentava se perder de Said, que tomara a decisão, sem perceber — e sem refletir —, de chamar, alternadamente, por Safiya e Khaldun...

Será que se passaram gerações e eras antes de ela sentir as mãos fortes e firmes puxando-a pelos ombros?

Ela olhou-o nos olhos e foi acometida por uma espécie de paralisia, que a fez cair sobre seu ombro como um trapo sem valor. Ao redor deles, uma corrente de gente os empurrava de um lado para outro em direção ao mar, mas não tinham mais forças nem sentiam nada. Somente quando viram a espuma da água flutuando por baixo dos remos, olharam para a praia, onde a cidade de Haifa desaparecia embaçada atrás da tarde e das lágrimas.